

## **AS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E PRODUTIVAS NA COMUNIDADE DE VILA TIMBOTEUA – ACARÁ/PA**

Elly Crystian de Oliveira Pinto<sup>1</sup>  
Dr<sup>a</sup>. Laura Angélica Ferreira Darnet<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo pretende discutir o processo de ocupação e produção de espaço da Vila Timboteua no município de Acará-PA. Objetiva-se compreender as transformações espaciais que ocorreram na comunidade e se estas têm influenciado as atividades agrícolas desenvolvidas, especialmente ao que se refere no “antes e depois” da abertura do ramal, ao abandonar a dinâmica das águas, anteriormente vivenciada pela comunidade. Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico, trabalho de campo, questionários semiestruturados e a linha do tempo para demonstrar as diferentes fases produtivas da comunidade até os dias atuais.

**Palavras-chave:** Transformações Espaciais 1, Estrada 2, Atividades Agrícolas 3.

### **Introdução**

O processo de transformação e ocupação da Amazônia brasileira envolveu formas e políticas distintas, em diferentes momentos do desenvolvimento do Brasil. A primeira fase da colonização portuguesa, por exemplo, foi caracterizada pela exploração das riquezas nativas pelos europeus, bem como pela catequização dos índios. As chamadas missões, que desciam rios, acabaram por formar vilas que ainda hoje existem por suas extensões e guardam toda herança cultural desse processo de ocupação.

Esse sistema esteve atrelado aos ciclos produtivos da malva, borracha, pimenta do reino, mandioca, açaí, entre outros elementos, o que possibilitou a racionalização da exploração agrícola nas diferentes Amazonas, como a de “Rio, Várzea e Floresta” e, após a década de 1960, “Estrada-Terra Firme-Subsolo” (GONÇALVES, 2005). Essas ocupações diferenciadas acabaram por estabelecer dinâmicas diversificadas na Amazônia, o que condicionou o próprio processo de ocupação, transformação espacial e produção agrícola.

Somente a partir das décadas de 1968 e 1974 a dinâmica dos rios começa a dar lugar a uma nova forma de mobilidade, proporcionada pela implantação de uma nova malha “técno-

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará. Email: ellycrystian@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora na Universidade Federal do Pará. Email: laurangelicaferr@hotmail.com

política” ou “malha de duplo controle”. Tal dinâmica se estabeleceu na Amazônia por meio de “Redes de circulação e de telecomunicação”, por onde passaram a se mobilizar os novos fluxos de mão-de-obra, capital e informação.

“Foi a implantação concreta das rodovias que alterou profundamente o padrão da circulação e do povoamento regional” (BECKER, 2001, p. 139) aumentando a apropriação do meio biofísico e o controle territorial, dando condições para que houvesse maior circulação de capital, incentivo a imigração e formação de mercado de trabalho regional, além de projetos de colonização, instituições políticas e financeiras (BECKER, 2004; 2009). Esse sistema demonstrou duas formas ocupação: uma a margens dos rios, voltada para a apropriação de terras e recursos naturais, e outra por meio de grandes projetos, forjando a ideia de integração territorial, para de fato atender as demandas capitalistas.

Dessa forma, o presente artigo objetiva evidenciar o processo de produção de espaço da Vila Timboteua no município de Acará, no Pará, bem como compreender as transformações socioespaciais que ocorreram nessa comunidade.

Partindo das hipóteses de que as produções anteriores à abertura do ramal seriam mais diversificadas, que a abertura da estrada vem interferindo na tomada de decisão sobre as atividades exercidas e interferindo na produção realizada pelas famílias, este trabalho também almeja responder os seguintes questionamentos: de que forma se deu a reorientação da locomoção das famílias e meios de escoamento da produção, os quais se davam pelo rio e agora, pelas estradas? Esta mudança influenciou as atividades que estas famílias desenvolvem?

## **Metodologia**

### **Área de Estudo**

O município de Acará está localizado na região do Baixo Tocantins, é constituído de 4.343,805 km<sup>2</sup> e, segundo o IBGE (2010) e possui um total de 53.569 habitantes. O município se divide entre zona urbana, com população estimada em 12.621 habitantes, e zona rural, com cerca de 40.938 de cidadãos.



Mapa 01 – Localização do município da Região do Baixo Tocantins. Fonte: BRITO (2016)

No município, apresentam-se como os rios mais importantes o Rio Acará-Miri, Miriti-Pitanga e o próprio Rio Acará, responsável pela divisão do município em zona urbana e rural, na qual se localiza o presente objeto de estudo, a Vila Timboteua.

A Vila Timboteua é formada pelos Igarapés Mariquita, Timboteua e Boca do Braço os quais tem suas respectivas fozes no Rio Acará. A vila está localizada a 20 km da sede do município, seguindo pela rodovia PA-252, sentido Acará/Tomé-Açú, adentrando o ramal da Mariquita, e também serve como via de acesso à rodovia PA-140.



Imagem 02 - Ramal da Mariquita que possibilita o acesso a Vila Timboteua. Fonte: Google Earth, 2016.

Atualmente a comunidade é composta por cerca de 45 famílias produtoras de farinha. As vias de acesso à comunidade são estradas de terra. O transporte de moradores e mercadorias é feito por uma linha de ônibus fretada por moradores de comunidades vizinhas. A população possui acesso a ônibus escolar para realizar o transporte de crianças que moram em localidades mais afastadas até a única escola da comunidade. O local dispõe ainda de igreja católica, salão comunitário, cantina, campo de futebol e uma agente de saúde que atende ao longo do Ramal da Mariquita.

### **Ferramentas Utilizadas na Coleta dos Dados**

Para caracterizar as transformações ocorridas, utilizamos a linha do tempo como ferramenta, conforme proposto no “Diagnostico Rural Participativo – DRP”. Reunimos os moradores mais antigos da comunidade, um total de 8 pessoas, no dia 29/11/2016, a fim de apreender as informações mais importantes na trajetória da comunidade.

Para a caracterização dos sistemas de produção, foram aplicados questionários semiestruturados ao número de 21 famílias. Para a escolha desses grupos familiares considerou-se: idade acima de 30 anos de seus membros; tempo de moradia na comunidade, privilegiando-se os habitantes mais antigos; as atividades agrícolas atualmente exercidas como o cultivo de mandioca, milho e arroz; atividades extrativistas, especificamente, a retirada de madeira para a comercialização; renda proveniente do trabalho assalariado; e aposentadoria.

Objetivava-se visualizar as possíveis trocas de atividades agrícolas e não agrícolas no decorrer do tempo e se estas tiveram alguma relação com o processo de ocupação do município e abertura do Ramal da Mariquita na Vila Timboteua.

As informações foram obtidas durante trabalhos de campo, ocorridos entre os meses de outubro de 2016 e janeiro de 2017, através do Curso de Especialização em Extensão Rural, Sistemas Agroalimentares e Ações de Desenvolvimento promovido pelo Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural da Universidade Federal Do Pará.

### **Processo de Ocupação do Município de Acará-Pa**

Segundo CASTRO (2003), o processo de colonização do nordeste paraense, no século XVIII, quando o estado ainda se apresentava como província do Grão Pará e Maranhão, teve

sua dinâmica de ocupação caracterizada pelas navegações ao longo dos rios Guamá, Mojú, Capim, Bujaru e o próprio Rio Acará, que hoje dá nome ao município. Apresentando, posteriormente, um intenso processo de distribuição de terras situadas às margens dos mesmos por meio da concessão de sesmarias, apossamento primário, ou herança.

À medida que em os rios iam sendo navegados, as ocupações ocorriam juntamente com a catequização dos habitantes locais, formando vilas e freguesias.

Perante as dificuldades de iniciar uma colonização mais efetiva, o controle das vias de circulação, a intricada rede hidrográfica da bacia amazônica, mostrou-se como a estratégia mais eficaz. Na impossibilidade do controle efetivo das terras, o controle das águas (GONÇALVES, 2005. p. 44).

A ocupação do território acaraense tem início no período da colonização portuguesa, ocorrendo não só pela existência de rios navegáveis, mas também pela grande fertilidade das terras, e abundância de madeira nas florestas quase que intocadas. Porém, com o tempo, passaram a sofrer com intensos desmatamentos a fim de abastecer o mercado (NUNES, 2008).

Segundo Santos (2013), a urbanização na Amazônia na década de 1940, não se fazia de forma tão presente. Apesar de, vagarosamente, serem iniciadas obras para aberturas de estradas e a inserção de infraestruturas, ainda era a partir da espacialização dos rios que aconteciam os deslocamentos e que o comércio era suprido.

Sobre essa mudança gradativa e o adentrar da urbanização se pode afirmar que:

Se “até a década de 1960 foi em torno dos rios que se organizou a vida das populações amazônicas” (GONÇALVES, 2005 p.79), tendo como base da economia regional o extrativismo e uma exploração dos recursos da floresta em pé, após esta década a região entraria em uma nova geopolítica. Isso mudou a vida do campesinato tradicional, ao mesmo tempo em que um novo campesinato se formaria resultante do processo migratório, em especial famílias nordestinas que se estabeleceram ao longo das rodovias (SOUSA E PONTES, 2011, p.3)

As transformações políticas e territoriais lentamente foram introduzidas, como pequenas estruturas. Todavia a comercialização ainda se dava em lugares próximos aos rios e bocas de igarapés, trazendo para Belém as produções interioranas.

Segundo o documento da Agência de Desenvolvimento da Amazônia (2004), ainda na década de 1940, o povoamento da microrregião onde está localizado o município do Acará, se deu de forma intensa por nordestinos, os quais tentavam garantir sua sobrevivência por meio dos cultivos de mandioca, feijão, milho, produtos extrativistas e por japoneses que se especializavam na produção da pimenta do reino.

Como reflexo dessa nova colonização tem-se o exemplo, no nordeste paraense, da abertura de rodovias como a PA-140, em 1973, e a PA-252, que liga o município do Acará diretamente à rodovia Belém-Brasília fazendo com que os rios e igarapés deixassem de ser a única e fundamental forma de locomoção e alterando a dinâmica existente até então (SOUSA E PONTES, 2011, p 3):

Junto com a PA-140, surgiram ao longo da mesma os latifúndios, tendo a pecuária como principal atividade econômica, e a agricultura como a segunda atividade mais importante nessas propriedades. Por trás das fazendas, encontram-se as comunidades rurais, tendo como característica marcante a agricultura camponesa, e o principal eixo produtivo a produção da farinha de mandioca. Esta dicotomia entre as propriedades nos remete que as comunidades rurais resultaram de uma política que durou até a década de 1960 na Amazônia, já os latifúndios surgem em outra conjuntura geopolítica pensada para o desenvolvimento da região (SOUSA E PONTES, 2011, p. 3)

É importante ressaltar que a abertura da rodovia citada não se restringiu ao centro urbano do município do Acará, mas estendeu-se às localidades próximas a estes centros, como é o caso da comunidade de Vila Timboteua. A abertura da PA-140 modificou o trajeto realizado pelos moradores da comunidade, os quais passaram a seguir o curso do Rio Acará e igarapés somente até a cidade do Acará, para em seguida prosseguir pela PA-140 de Bujaru até a cidade de Belém.

Seja por meio dos rios ou por meio de estradas, o camponês ribeirinho da Amazônia se vale das mais diversas estratégias para garantir a sua sobrevivência. Mesmo apontando uma ou outra atividade como sendo a fundamental para a sua reprodução social, este realiza inúmeras atividades seja em várzea ou terra-firme de modo que os ribeirinhos da Amazônia

Não admitem freios, e em qualquer fundo de quintal, desembarcam açaí, frutos da estação, farinha, aves, animais silvestres, artesanato e madeira, entre tantos outros produtos. Hoje, como ontem, as estradas e os caminhos entre a ribeira e a capital são rios e igarapés, que fazem “as comunicações interiores...” e permitem exercitar “todo o trato mercantil... canoas e barcos são veículos que andam no manéio das mercadorias” (BAENA, 1839, p. 210).

Segundo Penha (2010), foi a partir do Programa “Avança Brasil”, do Governo Federal, que a abertura da antiga Rodovia PA-01 ou atual PA-252 foi parcialmente finalizada. Essa rodovia dá acesso ao município do Acará à Alça Viária, que é formada por um conjunto de rodovias.

Sendo a PA-252, que dá acesso ao Ramal da Mariquita aberto em 1996, via de acesso que permitiu o livre fluxo de pessoas e mercadorias, a comunidade abandonou, então, o uso de

rios e igarapés, para assim obter uma maior mobilidade, encurtando o tempo usado para se chegar à sede do município ou à capital do estado.

As rodovias são interligadas pelas pontes dos rios Acará-Miri, Moju e Guamá. Assim como a PA-140, a PA-252 também objetivou um maior fluxo e integração do nordeste paraense com a região metropolitana, bem como ao que concerne as regiões sul e sudeste dos estados.

### **Vila Timboteua: transformações ocorridas**

Vila Timboteua, assim como várias outras que compõem o município do Acará, ainda hoje guarda grande influência do primeiro processo de ocupação realizado no nordeste paraense pelas navegações portuguesas, o qual formou vilas às margens dos rios.

Outra característica que persiste é a referente às atividades agrícolas e atividades extrativistas. Outro exemplo é a forte influência da religião católica na vila, que também é conhecida como Comunidade N. Sra. do Perpetuo Socorro, devido a formação da comunidade, dentro do contexto eclesiásticas de bases (CEB'S), que consiste na organização de pequenos grupos religiosos, intitulado-se comunidade.

Porque reúnem pessoas que tem a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram na mesma região, motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras (BETTO, 1985, p. 7)

Os moradores da comunidade datam o reconhecimento da primeira formação comunitária apenas em 1974, devido à formação e organização do grupo de catequização e às celebrações religiosas eram realizadas em outras vilas ao longo da margem do Igarapé Mariquita. De modo que grandes partes dos fatos ocorridos na comunidade se dão como resultado da organização entre os membros da igreja e as ações religiosas promovidas pois

Para cada processo existencial do camponês, ou seja o nascer, viver e morrer, existem concepções e práticas que tentam prevalecer sobre as práticas e regras da sociedade que o envolve e domina. É o que acontece com suas concepções religiosas. O peso da religião é a maior na cultura simbólica camponesa (SANTANA, 2009, p. 13)

Se por um lado a vila se chama Timboteua, devido aos igarapés que cortam sua extensão, nomenclatura esta com base administrativa e geográfica, por outro é conhecida como comunidade Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, devido a sua organização católica;

organização esta que vai além das paredes da igreja onde seus membros se organizam para conseguir benfeitorias para a vila, ajudar moradores em tempos de dificuldade financeira ou doença e organização dos mais diversos mutirões.

Apesar de a comunidade datar a sua fundação somente após o surgimento da igreja católica na vila, estima-se que a área tenha sido habitada bem antes devido à idade de moradores e às práticas produtivas relatadas por estes e por suas famílias.

### **Trajatória da Comunidade**

Como em grande parte da Amazônia até início do século XX, a organização da comunidade em estudo esteve diretamente ligada à dinâmica dos rios. Vila Timboteua, até por volta do ano de 1996, tinha sua dinâmica de deslocamento estabelecida pelos rios e igarapés. Não havia estradas que possibilitassem fluxos entre a comunidade e a própria sede do município, e todas as atividades da comunidade dependiam dos igarapés, principalmente do Igarapé Boca do Braço. Esse é um dos braços do Rio Acará, que era a única forma de acesso à comunidade. A viagem até lá poderia durar até um dia inteiro, já que era feita em pequenas canoas movidas a remo.

A denominação das comunidades ao longo do ramal da Mariquita foi feita a partir da nomenclatura dos igarapés existentes em toda sua extensão, como é o caso da comunidade Vila Timboteua, e do ramal em si. Isto nos demonstra a intensa ligação entre os rios no baixo Acará (distrito não oficial).

No entanto, mesmo na ausência de rodovias e estradas que facilitassem o acesso ao centro urbano do município, e à própria Belém, para comercialização e serviços, isso não impossibilitava a participação das famílias ribeirinhas e/ou camponesas na comercialização dos diversos produtos durante as diferentes fases da agricultura do município, sendo elas atividades agrícolas ou extrativistas.

De acordo com pessoas entrevistadas, a roça de mandioca sempre foi realizada pelos moradores da comunidade, tendo papel fundamental na comunidade sendo a atividade de maior importância, tanto para alimentação das famílias como para a comercialização e/ou troca por produtos, alimentos e utensílios os quais precisassem.

O extrativismo vegetal se deu forma intensa até meados de 1940, onde grande parte dos camponeses se utilizavam da mata para extração de produtos madeireiros como carvão, lenha



e madeira, tanto para manutenção dos estabelecimentos agrícolas quanto para a comercialização e os produtos não madeireiros, sendo o açaí para consumo e a castanha para a comercialização.

Segundo a fala dos entrevistados, o que era mais comum nesse período era a comercialização de madeira, como as toras e tabuas retiradas de espécies como: Para-para, Moro-totó, Cupiuba, Guaruba e várias outras.

Devido a não inexistência de estradas e rodovias, a comercialização se intensificava no período do inverno amazônico onde as chuvas eram mais acentuadas e os igarapés transbordavam e se interligavam uns aos outros, possibilitando uma maior fluidez de mercadorias, principalmente a madeira.

Senhor Silva<sup>3</sup>, um dos entrevistados, afirma:

Faz muito tempo que a gente tira madeira, ninguém nem sonhava em estrada(...) mas a madeira é o nosso último recurso, é muito pesado, só se for o último recurso, passava uma semana no igarapé e se esse ficava baixo dificultava o transporte(2017)

Estas eram transportadas em espécies de jangadas construídas pelos moradores, onde as toras de madeira eram levadas pelo curso dos rios e igarapés até cidade do Acará, conforme descrito por Witkoski:

O trabalho da retirada de madeira implica reconhecer claramente o movimento dos ciclos das águas – enchente/cheia e vazante/seca. No período vazante/seca, depois de se fazer uma espécie de mapa da área onde se trabalhará, corta-se a madeira. Lá ela fica à espera do rio que, por volta de dezembro, começa a encher e, entre maio e julho, encontra-se em plena cheia. Nesse momento, quando os rios, paranás, igarapés e lagos se ligam temporariamente, faz-se das hidrovias, estradas que andam, os canais por onde se deslocam as toras de madeiras rebocadas por canoas, cortadas na estação anterior. (WITKOSKI, 2004, p. 6).

Entre 1960 e 1980, os produtores da comunidade, além de diversos cultivos como milho, arroz, feijão caupi, mandioca, também tentaram se inserir na cultura de pimenta do reino vendo nesta a possibilidade de comercialização a fim de obter alguma renda e garantir sobrevivência das famílias. Entretanto, devido ao surgimento de pragas, a cultura logo foi abandonada.

Durante a década de 1970 os moradores da vila chegaram produzir malva, utilizando a fibra vegetal para indústria têxtil e fazendo a comercialização para atravessadores. A

<sup>3</sup> Entrevista coletada pelas autoras no período correspondente a 5 de janeiro de 2017

comercialização era realizada as margens dos igarapés ou diretamente na cidade de Belém para a Companhia Amazônia Têxtil de Anagem (CATA), que fazia o beneficiamento.

A fundação da comunidade se dá no mesmo momento em que é recebida uma professora para ministrar aulas de 1ª a 4ª série e em que se organiza enquanto comunidade católica, para formação de um grupo de catequese. Datando o reconhecimento da primeira fase da Vila Timboteua no ano de 1974, no sítio São Paulo, que atualmente se encontra 2 km da margem esquerda do atual ramal da Mariquita.

Em 1982 ocorre a preparação da roça comunitária, para que a renda da farinha produzida auxiliasse na compra de materiais para as obras da igreja. Na passagem do INCRA, no ano de 1987, pela comunidade foi realizado o levantamento das propriedades, demarcando as mesmas. Ocorre também orientação dos indivíduos sobre a exploração madeireira na comunidade. Entre 1989 e 1991, os moradores passaram a se organizar visando migrar para onde hoje se localiza a vila.

Em 1992, houve o abandono da escola por parte dos professores devido ao difícil acesso à comunidade, o qual só podia ser realizado por meio do rio. Tal acontecimento resultou em um processo de alfabetização dos alunos matriculados assumida pelos próprios moradores, mesmo estes tendo formação até a 4ª série apenas. Em 1995, os indivíduos deram início à abertura da área onde se instalaria a nova sede da comunidade “Nossa Senhora do Perpetuo Socorro”.

Nessa perspectiva, era a dinâmica dos rios e igarapés que ditava todas as atividades de produção e comercialização realizada pelas famílias devido à dependência dos mesmos para locomoção mobilidade e da própria forma com a qual o mercado local se organizava, permitindo ou não com que as famílias obtivessem alguma renda em cima de sua produção.

Após a abertura do ramal no ano de 1996, pela prefeitura (Gov. Paulo Afonso), a qual se estendeu até o igarapé Timboteua, modificando seu percurso até a zona urbana do município e a capital: o trajeto que precisava de um dia inteiro para ser percorrido até a sede do Acará passou corresponder a poucos minutos, e o caminho até Belém, pouquíssimas horas. De modo que essas mudanças permitiram que as famílias pudessem se relacionar de forma mais efetiva com o meio externo, bem como ao acesso a serviços, escola, atendimento médico, bancos e mercados.

Toda a produção, antes escoada pelos rios e igarapés passou a ser comercializada pela nova via de acesso. Houve, então, valorização a farinha, fazendo com que os produtores focassem na cultura da mandioca, o que possibilitou aos produtores relacionamento com o

mercado por meio da venda direta da farinha ou por atravessadores que atualmente vão até a vila comprar a mercadoria produzida.

Em 1997, o município de Acará recebeu o projeto de infraestrutura da agricultura familiar, o PROINF. Programa que tinha como objetivo geral o desenvolvimento sustentável do setor agrícola do município, que juntamente a outras comunidades e grupos religiosos, deu continuidade a obra e a construção de pontes que interligariam as comunidades, facilitando o acesso ao ramal até o seu limite atual. Houve parceria com outras comunidades e grupos religiosos, mesmo sendo uma obra da prefeitura.

Após a finalização das obras, a forma de locomoção da comunidade se modificou totalmente, culminando no surgimento de linhas de ônibus e estabelecimento de seus horários por outras comunidades.

No ano de 1998, houve a construção do novo salão comunitário, nas margens do ramal da Mariquita e início da construção da nova escola, o que fez com que os alunos passassem a receber aulas na igreja enquanto as obras não eram finalizadas.

No ano de 2000, ocorreu a inauguração da escola Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, que passou a funcionar no ramal. No entanto, por atender crianças de outras comunidades existentes ao longo do ramal, os moradores solicitaram a prefeitura uma escola maior, que possibilitasse um suporte mais amplo para atender os educandos.

Após a abertura da escola parte dos professores que trabalhavam na alfabetização dos alunos ainda eram os mesmos que atuaram em 1992, ocasionando uma precarização intensa do ensino local. Anteriormente, essa precarização do ensino ocorria de forma abrasiva pela inexistência de meios que não fossem os rios para a locomoção tanto de professores, quanto de alunos.

Após a abertura do ramal, a fim de que a escola continuasse atendendo a população, os professores que nela atuavam e que não possuíam qualquer tipo de formação acadêmica foram inseridos no “Projeto Gavião”, ofertado na sede do município do Acará, com objetivo formá-los, oferecendo o curso de magistério, para que pudessem atuar no ensino fundamental nas escolas da zona rural do município.

A inserção destes sujeitos no projeto, os quais ministravam aulas de forma irregular, passou a ser uma forma de profissionalizá-los, efetivando-os na rede municipal de ensino, garantindo a assalariamento que atualmente garante a sobrevivência de parte das famílias que residem na comunidade.

Iniciou na comunidade o processo de organização em associação, no ano de 2006, dando a alguns produtores acesso a crédito pelo Banco da Amazônia – BASA. Contudo, a inadimplências dos associados enfraqueceu o movimento fazendo com que a associação viesse a se extinguir.

Somente em 2009 houve parcialmente o estabelecimento de energia elétrica na comunidade. Anteriormente a comunidade obtinha a energia elétrica por meio de geradores. Em 2010, a instalação de empresas como a Agropalma, voltadas para a plantação de dendê na PA-140, pressionou os moradores da comunidade a vender seus lotes ou fechamento de negócios com a proposta de contrato de 40 tarefas no valor de R\$ 500,00 mensais para cada produtor. Em 2011, com a pressão da cultura do dendê na região e a venda de algumas propriedades, a produção de farinha se deu de forma intensa, devido à necessidade de entregar os imóveis às empresas.

Essa pressão da indústria de palmas não refletiu somente sobre aqueles que haviam vendido suas propriedades, mas também sobre os outros moradores, fazendo com que estes se organizassem em mutirões, abrindo novas áreas de cultivo para dar conta da demanda que havia se criado, experiência que não persistiu por muito tempo.

Entendendo que "o capitalismo, na sua expansão, não só redefine antigas relações, subordinando-as à reprodução do capital, mas também engendram relações não capitalistas igual e contraditoriamente necessárias a essa reprodução" (MARTINS 1979, p.19). Dessa forma, o camponês tem buscado se recriar mediante ao capitalismo que impõem a sua lógica de mercado.

Ainda no ano de 2011, houve a abertura da terceira escola construída na região, ampliando o ensino para a 1ª a 8ª série do ensino fundamental, contando com a matrícula de 220 alunos. Para o abastecimento de água na instituição foi construído um poço artesiano, atualmente responsável pelo abastecimento da maioria das unidades domésticas da comunidade.

Com a queda na produção de farinha na região em 2013, houve aumento do preço e a valorização da mesma. No mesmo ano, alguns moradores se organizaram em prol da limpeza dos igarapés que perpassam a comunidade. Durante as entrevistas, foi evidenciado que após a abertura do ramal a relação com os rios e igarapés foi reconfigurada, mas não perdeu sua importância.

Ainda que a mobilização não seja mais realizada pelos igarapés, as famílias se utilizam destes rios e igarapés para a manutenção de suas culturas, higienização (nos locais onde ainda não se faz presente o abastecimento água) e práticas de lazer, tendo em vista que o igarapé é ponto de encontro de sociabilidade.

Em 2014 o programa “Terra legal” organizou mutirões de cidadania e regularização fundiária, realizando o cadastro de todas as famílias da vila Timboteua. Em 2015, iniciou a construção de alvenaria da igreja na comunidade, a partir da mobilização de seus próprios membros. Em 2016 foi realizada a demarcação das terras pelo INCRA na Vila Timboteua, porém, só foram entregues 10 títulos de terra.

## **Resultados**

A forma de ocupação do município e as transformações espaciais até os dias de hoje, tem influenciado a dinâmica da comunidade tanto na escolha sobre as práticas de produção e a comercialização como nas relações sociais que se estabelecem. Com isso, por meio dos questionários aplicados e da própria linha do tempo construída com os moradores, foi possível verificar as atividades mais relevantes desenvolvidas na comunidade.

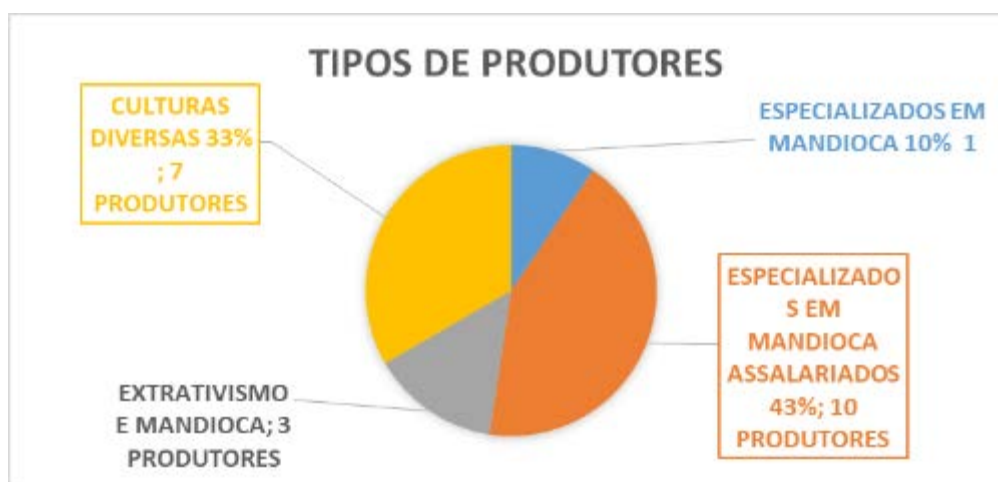
Foi constatado que ao longo dos anos a comunidade passou por intensas e diferentes fases produtivas, iniciando práticas e logo depois as abandonando devido à demanda dos produtos ou a condições não favoráveis para prosseguir com produção.

No entanto, algumas atividades foram mantidas ao longo do tempo, tais como: a roça de mandioca para a produção de farinha, arroz, milho, extração de madeira, o trabalho assalariado contemplando e os aposentados. A separação dos produtores da comunidade demonstra as estratégias de reprodução das famílias entrevistadas, a realidade destes produtores e como estes tem se adequando de acordo com as transformações espaciais das quais fazem parte.

Tendo em vista que os elementos externos aos sistemas de produção agrícola acabam por influenciar diretamente nas tomadas de decisões dos produtores e a organização de seus estabelecimentos, assim se deu o caso da abertura do Ramal da Mariquita, que segundo os moradores da comunidade influenciou positivamente na valorização da farinha e no aumento da comercialização da mesma.

A abertura do ramal possibilitou a qualificação dos indivíduos da comunidade, permitindo que parte deles se tornasse assalariada. A extração e a comercialização da madeira após sua abertura se tornaram menos penosas. Mesmo tendo sua demanda reduzida ao longo dos anos, a prática extrativista ainda se faz presente na comunidade.

A apresentação dos tipos de produtores da comunidade tem como objetivo representar as diferentes atividades realizadas atualmente pelas famílias entrevistadas, a fim de refletir a realidade dos produtores e como estes tem se adequando de acordo com as transformações ocorridas. Os tipos de identificados foram: Especializado no Cultivo Mandioca, Especializado no Cultivo da Mandioca Assalariados, Culturas Diversas e Extrativistas e Especializados em Mandioca.



**Gráfico 01 - Tipologia dos produtores considerando as atividades mais rentáveis desenvolvidas na Vila Timboteua. Fonte: Pesquisa de campo, 2016-2017.**

O “tipo 01 - Especializado em Mandioca” atualmente representa 10% dos produtores comunidade, mantendo-se exclusivamente da renda proveniente da comercialização de farinha de mandioca.

Esses produtores apresentam sua composição familiar com plena força de trabalho: com idades entre 30 e 40 anos, e em média dois filhos adolescentes por família, sendo 1 do sexo masculino e 1 feminino que auxiliam nas atividades produtivas.

O “tipo 02 - Especializados em Mandioca Assalariados” representa 43% dos produtores existentes na comunidade. Todos os entrevistados apresentam um membro da família que seja assalariado, aposentado ou pensionista. Desse grupo, 60% correspondem a professores que

trabalham na escola municipal implantada na comunidade, 30% são aposentados como agricultores e 10% apresentam algum membro da família sendo assalariado e outro aposentado.

Diferente do grupo anterior, esse não depende exclusivamente da renda da mandioca. O grupo de somente assalariados indica que os indivíduos responsáveis por gerar renda familiar têm em média entre 40 e 60 anos de idade, já os aposentados entre 50 e 80 anos não apresentando a mesma força de trabalho para manter a atividade agrícola.

Entretanto, este tipo mantém a cultura da mandioca minimamente, se utilizando da produção de farinha como forma de complementar a renda, manter os hábitos alimentares nela baseados e também como forma de manter os ensinamentos adquiridos ao longo da vida no campo, dando utilidade às terras herdadas e mantendo os ensinamentos.

O “tipo 03 - Culturas Diversas” representa 33% dos produtores, realizando a cultura da mandioca, arroz e milho. Assim como nos outros grupos, a atividade mais expressiva ainda é a comercialização de farinha, porém, a presença de outras atividades se apresenta como forma de aproveitar o espaço da roça de mandioca por meio do consórcio de culturas, sendo possível a comercialização de outros produtos e inserção na alimentação da própria família diminuindo possíveis gastos.

O “tipo 04 - Extrativistas e Especializados em Mandioca” representa 14% dos produtores da comunidade. A atividade extrativista efetivada é a extração de madeira, realizada de forma contínua por estes produtores e suas famílias, demonstrando que as gerações anteriores já praticavam a atividade, sendo um meio de garantir a sobrevivência das famílias no momento de desvalorização da farinha.

## **Conclusão**

A abertura de estradas e ramais mais do que integrar as localidades e modificar o meio biofísico, configura a relação homem-natureza e as escolhas das atividades exercidas dentro dos sistemas produtivos, como é o caso das famílias da Vila Timboteua localizada no município do Acará, estado do Pará. Nessa vila, a abertura de estradas nas últimas décadas pareceu influenciar as escolhas de atividades agrícolas, em especial no que tange à produção da farinha de mandioca, sendo essa a base para a atual reprodução camponesa no município, que acaba por representar cerca de 2,3% da produção de farinha de mandioca do Brasil, segundo IBGE (2015).

Percebendo que mesmo optando por permanecer na cultura da mandioca para a comercialização da farinha, estes não deixaram de se inserir em outras atividades e nem perderam a sua diversidade de cultivo.

É possível notar que a maior transição vivida pelos moradores da comunidade é a vivenciada entre o rio e a estrada. Compreende-se que era o fluxo dos rios e igarapés que cortavam a comunidade (sendo os principais o Igarapé Boca do Braço e Timboteua) que possibilitava a integração da comunidade com a sede do município do Acará. Nesse fluxo se estabelecia o único meio de transporte e comercialização da região, realidade alterada nos dias de hoje. Atualmente essas práticas se voltam totalmente para os ramais abertos, como é o caso do Ramal da Mariquita, também conhecido com Trans-Acará.

Outro aspecto evidenciado durante a presente pesquisa foi o fortalecimento dos moradores da vila enquanto comunidade católica, não abandonando as atividades religiosas. Estabelecendo diferentes relações a partir da organização enquanto membros da igreja, mas também no que diz respeito às conquistas obtidas dentro da vila como a atual escola, a manutenção das pontes próximas à comunidade e a própria limpeza dos igarapés que cortam a comunidade.

Desse modo, a implantação de estradas e rodovias mais do que transformar o espaço, integrar lugares e facilitar a mobilidade humana, acabou por influenciar diretamente a relação entre as famílias e seus sistemas produtivos. Essas mudanças propiciaram a possibilidade de acesso à qualificação a esses indivíduos, à especialização em culturas e à valorização das mesmas como ocorre com a cultura da mandioca para a produção de farinha permitindo sua reprodução social e que os indivíduos se relacionem com o capital, tendo autonomia na forma de comercialização dos produtos.

## **Referências Bibliográficas**

BAENA, A. L. M. **Ensaio corográfico sobre a província do Pará**. Brasília: Senado Federal, 2004. p. 431.

BETTO, Frei. **O que é comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Abril Cultural, Brasiliense, 1985.

BRITO, V. **Mapa de localização da região do Baixo Tocantins**: Relatório de Estágio Interdisciplinar de Vivência II, 2016.



- CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORREA, R. L. **Espaço, um conceito chave da geografia**. In: Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- CASTRO, E. **Quilombolas de Bujaru. Memória da Escravidão, territorialidade e titulação da terra**. Belém: UFPA/NAEA, 2003.
- GOMES, P. C. C. **Geografia e Modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. p. 368.
- GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 179.
- MARTINS, J. S. **A produção capitalista de Relações não-capitalistas de produção**. In: O Cativo da Terra. São Paulo: Hucitec, 1979.
- NAVEGANTES-ALVES, L. et al. **Transformações nas práticas de criação de bovinos mediante a evolução da fronteira agrária no sudeste do Pará**. In: Cadernos de Ciências e Tecnologia. V.29, n.1, jan/abr, 2012, p.243-268.
- NUNES, C.; PALHETA, J. M. **Caminhos e lugares da Amazônia: ciência, natureza e território**. 1 ed. Belém: GAPTA/UFPA, 2009.
- SANTANA, R. M. **Formação e uso do território em uma comunidade quilombola**. In: IV Simpósio Internacional de Geografia Agrária, V Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 2009.
- SANTOS, A. R. **Os reflexos da mobilidade humana na organização do espaço amazônico: desafios para a consolidação de um pensamento complexo e ecossistêmico**. TEXTOS & DEBATES, n.18, 2013, p. 57-71.
- SANTOS, M. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.
- \_\_\_\_\_. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 3 ed. São Paulo: HUCITEC, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Da Totalidade ao Lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2012.
- SOUSA, R. B.; MACEDO, C. O. **A Trajetória Das Comunidades Camponesas Do Nordeste Paraense: o caso de São Judas e Cravo**. Uberlândia - MG. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2012.
- SOUSA, R. B.; PONTES, H. H. G. **Nordeste Paraense: a dinâmica da produção do espaço e a comunidade camponesa**. In: I Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira. Marechal Cândido Rondon-PR, 2011.
- WITKOSKI, A. C. **Floresta de Trabalho: os camponeses amazônicos de várzea e as formas de uso de seus recursos naturais**. Anais do II Encontro da ANPPAS, maio 2004.